

JEFF KOONS

POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI



Jeff Koons é considerado um dos artistas mais importantes, populares e controversos do pós-guerra. Ao longo de sua carreira, ele questionou os limites entre a arte e a cultura de massas, desafiou as limitações da fabricação industrial e colaborou para alçar os artistas ao status de celebridades. Atualmente estamos acostumados a ver artistas contemporâneos inseridos ao universo da mídia; eles aparecem junto a astros do cinema, TV e música, atletas, socialites e políticos nas publicações de fofocas, nas redes sociais, nos editoriais de moda; sua vida, obras e os preços das mesmas são comentados com grande entusiasmo. Mas nem sempre foi assim. No século passado, os primeiros artistas a serem tratados como celebridades foram Dalí e Andy Warhol. Eles tinham talento para auto-promoção, fazendo com que suas imagens despertassem tanto interesse quanto sua arte.



Cão-balão- óleo sobre tela

Jeff Koons, de 59 anos, está completando 35 anos de carreira artística e é tema de uma retrospectiva no Whitney Museum de NY. “Jeff Koons: A Retrospective” é composta por 145 objetos que datam de 1978 até o presente, e é a mais abrangente exposição já dedicada ao artista, apresentando todas as suas obras mais emblemáticas e séries significativas em uma narrativa cronológica. A maioria das obras foi emprestada por colecionadores e devido ao seguro é a exposição mais cara da história do museu.

Esta é a primeira vez que o Whitney é quase totalmente preenchido com o trabalho de um único artista. É também a última exposição a acontecer no atual prédio (que foi projetado pelo arquiteto Marcel Breuer, um dos mestres do modernismo) antes que o Museu se mude para seu novo edifício no Meatpacking District, em 2015.





Bolo. Óleo sobre tela

O curador da mostra, Scott Rothkopf, diz que os grandes artistas contemporâneos desafiam as definições de arte e seus próprios limites, e Jeff fez isto de várias maneiras, com as cópias de objetos existentes, com a ideia de celebridade, com o kitsch e a cultura pop, e se tornou um artista mundialmente famoso e talvez o artista que melhor personifica a nossa época.

Quando estudante nas escolas de arte de Baltimore e de Chicago, nos anos 1970, Koons criava pinturas neo-surrealistas representando membros machucados em cores fortes, que pareciam saídas de pesadelos. Em novembro de 1976 mudou-se para NY e foi corretor da bolsa de valores. Nesta época o meio artístico de NY era inundado por enorme pluralismo e a exposição a variadas ideias e os novos contatos que fez tiveram forte efeito em sua arte, que se tornou menos expressiva e mais pop, mais dirigida ao mundo externo do que ao interno.

“Meu processo de distanciamento da arte subjetiva continuou no final dos anos setenta, quando fui exposto a Marcel Duchamp. Ele parecia o oposto à arte subjetiva na qual eu estava mergulhado. O ready-made era a afirmação mais objetiva possível”, diria ele.



Coração Pendurado

Poucos artistas foram tão associados a Marcel Duchamp quanto Koons. Poder-se-ia contar praticamente toda a história de sua arte - e a da arte do século XX, possivelmente - através das lentes do ready-made. Por um lado, ele expôs objetos comuns exatamente como eram, sem adulterá-los (assim como Duchamp expôs o urinol assinado em 1917) e, por outro lado, fez cópias incrivelmente perfeitas deles, apropriando-se deles e os recontextualizando.

O interesse de Koons pelo ready-made evoluiu paralelamente ao seu fascínio por objetos industrializados. A partir da década de 1980, transformou em obras de arte objetos como bolas de basquete, aspiradores de pó, brinquedos infláveis e pequenas estátuas e enfeites de gosto duvidoso, que tornavam seu apartamento no East Village uma balbúrdia. Com estas obras ele questiona as fronteiras entre gosto popular e arte erudita. O fato de copiar objetos fielmente não o diminui, pois a história da arte está repleta de cópias exatas e retratos fiéis aos modelos - já na Grécia antiga os melhores escultores eram aqueles que copiavam a realidade com a mais perfeita verossimilhança.

Jeff se interessa por símbolos, por arquétipos da humanidade: o coração, o balão, os brinquedos. Ele se conecta a histórias relevantes de nossa cultura e investiga o que desperta nossos desejos.

Uma de suas obras mais conhecidas é o Cão-Balão, que representa os bichinhos feitos com balões para crianças, mas é feito em aço com polimento perfeito e precisão rara. O processo é extremamente difícil e demorado. Ele fez 5 cães-balão em 5 cores diferentes. O amarelo está na atual exposição, o roxo foi exibido no Palácio de Versailles e o laranja alcançou o mais alto preço em leilão para uma obra de arte de artista vivo – 58 milhões de dólares.

Obras como estas despertam no espectador lembranças da infância. Geralmente esculturas nestas dimensões representam figuras religiosas, presidentes, reis, etc., e ver algo tão simples transformado em um grande monumento causa espanto e cativa o público.



Cachorro-balão Laranja

Em 1986 Koons comprou um coelho inflável de plástico e o copiou em aço inoxidável. Parece ser leve e macio,mas é muito pesado e duro. Koons aborda o auge do luxo e do consumismo na década de 1980. Segundo ele, "objetos polidos têm sido exibidos pela igreja e por pessoas ricas para definir um estado de segurança material e de iluminação espiritual, e o aço inoxidável é um reflexo falso disto". Ele funciona como um espelho e reflete tudo o que está em torno dele. É uma obra de arte camaleônica - muda de acordo com as mudanças ao seu redor.



Coelho



Ovo Quebrado

Sua série Celebration inclui esculturas e pinturas relacionadas com momentos comemorativos da cultura popular. As esculturas em aço inoxidável combinam com a leveza das formas das quais extraem inspiração (balões, ornamentos, brinquedos infantis) com um sentido de monumentalidade alcançado através de uma sofisticada técnica de polimento, que Koons refinou até um ponto verdadeiramente obsessivo. Fazem parte desta série Ovo Quebrado, um ovo de aço inoxidável com o topo fraturado, e Coração Pendurado.

Na série Banalidade ele explora coisas comuns em nossa vida, os objetos kitsch como os bibelôs de porcelana. Ele quer que as pessoas aceitem seu gosto infantil, as coisas com as quais cresceram, que não são vistas como arte no sentido tradicional, acadêmico, e brinca com isto. Na escultura Conduzindo a Banalidade, o porco representa o excesso e a superficialidade dos EUA, enquanto os anjos sugerem o desejo do artista de libertar seus espectadores da vergonha por seu mau gosto.

Ele fala também do consumismo e da ideia de novidade em nossa cultura; ao isolar um aspirador de pó novo dentro de uma caixa transparente e o expor com iluminação dramática, ele o transforma quase em um ícone religioso e parece perguntar: Por que compramos um produto novo, quando o antigo ainda funciona? Como a propaganda nos induz a comprar coisas novas? "A produção de muitas coisas úteis resulta em muitas pessoas inúteis", declarou ele.

Em 1990 Koons resolveu fazer algo muito ousado-propôs levar o público a perder o medo e a vergonha do sexo e do mau gosto. Anunciou um longa-metragem e contratou a estrela pornô e deputada italiana Ilona Staller (também conhecida como Cicciolina), para posar com ele em seus sets.



Conduzindo a Banalidade

Ele se apaixonou por sua co-estrela, desistiu do filme e produziu uma série de fotos, pinturas e esculturas cada vez mais explícitas em que o par representava um Adão e Eva contemporâneo rodeado por símbolos de fidelidade e carinho, como cães e flores. As imagens causaram sensação na mídia, ele foi acusado de narcisista, as feministas ficaram furiosas, e ele ganhou notoriedade. O trabalho culminou com o casamento do casal e a abertura da exposição *Made in Heaven* (1991).

O casamento acabou em uma longa disputa pelo filho deles, que ficou com a mãe. Na exposição está uma obra que foi feita para o filho que Jeff não conseguiu criar: *Balanço Partido* (Foto 9), que de um lado tem a cabeça de um cavalinho e do outro a de um bebê dinossauro. Ela serviu de partida para outras versões, inclusive em grandes dimensões, como a que está instalada no Rockefeller Center, no lugar da tradicional árvore de Natal.



É uma escultura viva, feita em uma estrutura de metal com sistema de irrigação dentro, coberta por 50 mil vasos de flores que são trocadas constantemente.

Outra obra de confecção semelhante a esta é *Puppy*, um cachorro de 12 metros que foi criado em 1992 para uma exposição temporária na Alemanha. É agora parte da coleção permanente do Museu Guggenheim Bilbao - e um símbolo da cidade.

Em 2008 Koons realizou uma exposição de 17 de seus principais trabalhos no Palácio de Versalhes. A exposição causou imensa polêmica em Paris. Na inauguração, ele disse que suas obras encontraram ali seu ambiente ideal - mas não foi assim que, pelo menos parte do público francês, viu a fusão de sua arte com a beleza clássica e tradicional do castelo.



Michael Jackson e Bubbles



Uma das obras de maior destaque na exposição é Michael Jackson e Bubbles. Realizada em tamanho maior que o real em porcelana dourada, esta escultura retrata o superstar pop falecido Michael Jackson e seu chimpanzé de estimação, Bubbles. Koons admirava Jackson como o epítome de apelo da massa, como alguém disposto a fazer absolutamente tudo o que era necessário para se comunicar com as pessoas.

Isso incluiu procedimentos de cirurgia plástica e de clareamento da pele que, segundo o artista, Jackson empreendeu para se aproximar mais do público de classe média branca. "Isto é radical. Isso é amor", disse.

A composição da obra se relaciona com a Pietà de Michelangelo (1498-1499), em que Cristo encontra-se no colo de Maria após sua crucificação. A associação sugere que as estrelas pop se sacrificam para que os fãs lhes dediquem uma adoração quase religiosa. "Nunca desejei fazer algo Pop, apenas popular, mas sempre tive o desejo de fazer obras para que as pessoas curtam, porque é isto que busco na minha vida. Quero ter contato com coisas que eu curta e que possam ampliar de alguma forma a experiência de estar vivo".

Koons, assim como seu ídolo Andy Warhol, trabalha em NY e dirige uma "fábrica" onde as peças que cria são executadas por mais de cem assistentes. O local parece um laboratório de alta tecnologia mesclado a um centro cirúrgico. A exposição ficará no Whitney até 19 de outubro e a seguir viajará para o Centro Pompidou em Paris (26 de novembro de 2014 a 27 de abril de 2015) e para o Guggenheim de Bilbao, na Espanha (5 junho a 27 setembro de 2015). "O mundo de hoje não faz sentido, então por que eu deveria pintar quadros que fazem?"(JK)